

## Notas sobre a memória em *Assim falou Zaratustra*: contribuições à leitura do dinamismo psicológico

**Bruno Martins Machado**

### RESUMO

O presente artigo sustenta a distinção entre dois esquemas possíveis de uso de conteúdos rememorados. Entendemos que a memória é determinante no processo clínico e, para que se possa empregá-la em uma aceção terapêutica, deve ser observada em sua caracterização qualitativa. Nestes termos, com o intuito de apontar a distinta natureza de modos possíveis de rememoração, sugerimos a aproximação de dois modelos extraídos da filosofia de Friedrich Nietzsche. Notadamente, focamos sobre elementos de um dinamismo psicológico no qual a memória está associada a traços específicos do caráter. Tal distinção pode ser percebida em *Assim falou Zaratustra*, quando o filósofo alemão apresenta dentre tantos personagens dois que nos interessam em particular: o Santo e Zaratustra. Trataremos, portanto, da diferenciação entre estes dois tipos. Cada um, ao seu modo, emprega um uso próprio da memória ao elaborar a vivência psicológica de suas experiências. Pretende-se, assim, mostrar que o estatuto distinto no qual se inscrevem tais memórias serve como índice de diagnóstico e interpretação de diferentes modos de existência.

*Palavras-chave:* Nietzsche; memória; Zaratustra; dinamismo psicológico.

### ABSTRACT

Notes on memory in *Thus Spoke Zarathustra*: contributions to the interpretation of psychological dynamism.

The present article argues the distinction between two possible models concerning the usage of remembered contents. Memory is determinant in the clinical process and, in order to apply it in terms of therapy, it must be observed in its qualitative characterization. In these terms, aiming at pointing out the difference between possible modes of recollection, I suggest that two models from Friedrich Nietzsche's philosophy be taken into consideration. In particular, my focus lies on elements of a psychological dynamism in which memory comes to be associated with certain character traits. Such distinction can be studied in *Thus spoke Zarathustra*, in which the German philosopher presents two characters, among many others, which pertain especially to my point: the saint and Zarathustra himself. This paper will deal, therefore, with the differences between these two types. Each of them employs, in their own fashion, a particular usage of memory to elaborate on the psychological aspect of their experiences. I intend, thus, to show that the distinct patterns in which these memories are classified serve as an index of diagnosis and interpretation concerning different modes of existence.

*Keywords:* Nietzsche; memory; Zarathustra; psychological dynamism.

### Sobre o Autor

B.M.M.  
orcid.org/0000-0001-7656-2809  
Universidade Federal de Sergipe  
- Aracaju, SE  
brmach@hotmail.com

### Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



## A INTERPRETAÇÃO DE ZARATUSTRA E ZARATUSTRA COMO PONTO DE VISTA INTERPRETATIVO

Apesar de atualmente ser um dos livros mais conhecidos de Friedrich Nietzsche, Assim falou Zaratustra é um escrito meticuloso, que por algum tempo afugentou leitores. Dividido em quatro seções, a obra teve uma origem conturbada. Em 14 de fevereiro de 1883, de Gênova, Nietzsche enviou as provas da primeira parte ao seu editor em Chemnitz. Em meados de julho do mesmo ano, a segunda parte foi enviada de Sils-Maria. No fim de fevereiro de 1884, Nietzsche e Peter Gast corrigiam as provas de impressão da terceira parte. Inicialmente, o filósofo optou por encerrar o texto com três seções, porém, ainda em 1884, depois de intensa atividade intelectual, Nietzsche planejou reformular o livro. Os trechos seriam reunidos e receberiam um novo acabamento. O trabalho continuaria tripartido, manteria a narrativa sobre Zaratustra, mas incorporaria algumas alterações motivadas pela efervescência teórica de 1884. O título, alterado, passaria a: Meio Dia e Eternidade. Nietzsche, entretanto, não encontrou uma editora que assumisse o empreendimento. Frente às dificuldades, a alternativa foi trabalhar em uma quarta e última parte que pudesse oferecer um acabamento ao livro sem alterar os conteúdos já escritos (Colli & Montinari, 1999, pp. 279-344 / KSA 14).

A prova do quarto e último trecho foi lida no meio de abril de 1885. Sem apoio da editora, o filósofo partiu em busca de quem se dispusesse a imprimir o texto. Em Leipzig, Constantin Georg Naumann disponibilizou sua prensa ao filósofo. Contudo, o novo editor não arcou com os custos da impressão; dispôs seus serviços mediante pagamento. Nietzsche, obrigado a custear a tiragem, imprimiu apenas 40 exemplares, enviados a amigos e conhecidos mais próximos. Por muito tempo, o público geral não teve acesso ao texto completo (Colli & Montinari, 1999). Somente em 1891, ou seja, após o colapso de Turin, Peter Gast conseguiu pela primeira vez reunir as quatro partes e imprimi-las em um só volume (Hollinrake, 1986, p. 17).

Mesmo com tantos obstáculos que rodeiam a gênese da obra, trabalhar com Zaratustra não nos parece um empreendimento impossível. Pelo contrário, como alerta Giorgio Colli:

Despindo-o de cada imagem e cada encanto, encontraremos precisamente as mesmas teses, os mesmos juízos que lemos em outras obras de Nietzsche: valoração sobre o presente e o passado, sobre a religião e sobre a moral, inclusive uma idêntica doutrina sobre afetos e sobre paixões (Colli, 2016, p. xv).

No que tange ao conteúdo, não estamos diante de um livro incomum; a diferença se efetiva no estilo e na forma de trabalhar a teoria.

Entendemos, então, que estilo e forma carregam a riqueza

de Zaratustra, pois nos oferecem não só um acesso ao pensamento nietzscheano, mas também um caminho interpretativo. Nesses termos, a imagem e o encanto do texto sugerem um viés interpretativo a ser observado e explorado. Como lemos anteriormente, Colli atesta a proximidade entre as formulações do livro e os principais desenvolvimentos teóricos da filosofia nietzscheana. Todavia, é preciso assinalar a emergência de uma nova formulação: “Eu vos ensino o além-do-homem” (Nietzsche, 1891/2011, p. 13). Para Colli (2016), este anúncio é um dos grandes destaques do livro. Zaratustra, o mestre do eterno retorno, aquele que traz algo que sucede à Boa Nova, entrega ao ouvinte conceitos que não podem ser tomados sem a mirada do estilo e da forma. O profeta persa apresenta o mito do além-do-homem.

Nietzsche entrega ao leitor uma narrativa mitológica. Seu alvo: potencializar a atividade interpretativa como exercício eminentemente perspectivista e valorativo. Mais uma vez, acompanhando a sugestão de Colli, entendemos que se deve seguir com a interpretação do mito do além-do-homem do mesmo modo como se procede com os mitos platônicos. Assim falou Zaratustra deve ser lido como “uma exemplificação, uma transposição alegórica, uma supérflua, redundante invasão em uma esfera pseudofilosófica” (2016, p. xv).

Ora, se ao empregar o mito como modelo de narrativa Nietzsche se opõe aos tratados e grandes dissertações, formatos tradicionalmente considerados mais apropriados para se abordar questões filosóficas, então a negação da tradição exige uma consequência afirmativa, a saber, a positividade do projeto de transvaloração dos valores. Portanto, vemos Nietzsche se apropriar, a partir de Platão, um dos pais fundadores da filosofia, de um modelo específico com o propósito de repensar a própria filosofia. Ao acompanhar o grego no uso dos mitos, o alemão coloca o leitor em uma situação intrigante: por que utilizar a narrativa mitológica, quando em Platão o mito é a maneira mais superficial de se tratar questões filosóficas?

Interessa instaurar um movimento de ruptura com alguns pressupostos da tradição. O propósito é mostrar que é possível fazer filosofia valendo-se de formas e conteúdos diferentes daqueles já firmados e considerados como os mais apropriados. Mas, mais especificamente, Nietzsche não quer apenas atestar tal possibilidade, ele pretende utilizar ferramentas já trazidas pela tradição para confrontá-la. Seu alvo é mostrar como uma reconfiguração de valores estabelecidos exige novas formas de exercício do pensamento. A questão se volta, assim, para o emprego do mito em sua amplitude filosófica.

Caso Assim falou Zaratustra seja desconsiderado antecipadamente porque não se adequa aos moldes tradicionais de expressão em filosofia, então não se pode fugir à pergunta: por que dar importância em A República, ao mito da caverna, em O Banquete, ao mito sobre a origem de Eros, e em Fedão, ao mito sobre a origem da alma? Se a narrativa filosófica

afasta-se da mitológica, por que Platão insistiu em uma tal estranha tarefa?

De início, sem considerar o conteúdo, o modelo mitológico enfatiza o exercício de pensamento suscitado por vivências. Em outras palavras, há no mito uma teoria interpretativa que a todo momento é confrontada e regulada pela experiência. Como o exercício exegético do mito na filosofia platônica força à observação de um movimento específico, pois “o mito é a comunicação direta do pensador, frente ao qual todo o resto torna-se uma tortuosa divagação” (Colli, 2016, p. xv), também na filosofia nietzscheana, o testemunho de Zarathustra é o que o profeta traz a partir de si mesmo. Isso significa que no seu discurso, nas suas vivências, no seu pensamento e no seu corpo está sua filosofia os conceitos se transformam no sangue de Zarathustra; desta feita o profeta pode afirmar: “De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito” (Nietzsche, 1891/2011, p. 40).

Assim, Nietzsche incorpora a possibilidade de trabalhar filosoficamente com o universo dos sentimentos, impulsos, afetos e vontades sem precisar submetê-los sumariamente ao crivo da racionalidade. A razão, que impõe aos filósofos ordenamentos estabelecidos sob o princípio da não contradição, torna-se mais um aspecto da vivência a ser observado. Há, portanto, na escolha da narrativa mitológica, a inclusão de um modelo de produção de conhecimento. Neste, a psicologia assume papel significativo na observação da diretriz interpretativa fundamental, pois balizaria as possíveis leituras produzidas a partir das vivências de determinada pessoa. Também, é por causa da assimilação da psicologia como solo fundamental para a interpretação e o desenvolvimento de possíveis divergências semânticas que Nietzsche precisa dar voz a uma produção filosófica que se instaure sobre a produção de valores.

Segue-se, portanto, um evento que pode ser lido sob diversas perspectivas, cada uma apresenta seu critério de verdade que pode ser reconhecido através da análise do ordenamento valorativo. O problema da contradição, tão próprio à tradição filosófica, recebe uma conotação interpretativa diferente. Erguidas sobre a organização e o dinamismo dos valores, situações antagônicas podem coexistir em um só e mesmo objeto, desde que este se apresente com sentidos diferentes. Tal lógica exige que sejam observados na experiência os modos de avaliar e reavaliar, o que torna decisivo o papel da psicologia. Conta ainda o fato de o uso de mitos ser um bom artifício para que pessoas não iniciadas em filosofia acompanhem as reflexões a partir da observação de si e de suas experiências. Portanto, mesmo sem confrontá-las com alguma elaboração teórica de grande porte, exige-se uma reflexão sobre os próprios valores.

Fundamental neste processo de reinterpretação de valores é a memória. Ela nos mantém ligados a antigas determinações e é ela que, em alguns casos, baliza as novas deter-

minações interpretativas. Destarte, parece-nos propício tentar encontrar alguma resposta à pergunta: o que quer comunicar Zarathustra sobre a memória?

Para dar conta da questão, trataremos da memória aprofundando-a sobre o estatuto psicológico específico de dois personagens distintos extraídos do livro. Na perspectiva aqui erigida, ambos fornecem elementos distintos para montarmos o modo de operação da memória. São duas formas de conceber o mundo: uma trazida pelo personagem do Santo, outra, pelo próprio Zarathustra. Os dois empregam conteúdos rememorados em suas falas. Justamente o uso das lembranças na operação psicológica valorativa fornece em cada um o ponto diferencial na resposta à pergunta do parágrafo anterior.

Antes de prosseguirmos, devemos apresentar uma advertência metodológica. Não recorremos a outras obras para ampliar nossa leitura porque nos ativemos ao formato da narrativa mitológica, própria a Assim falou Zarathustra. Quando oportuno, apontaremos congruências com outros livros, mas somente para confirmar e expandir o alcance da nossa leitura. Avancemos às duas situações para extrairmos traços que possam delinear algum perfil psicológico. Depois, passaremos a observações sobre as respectivas implicações da memória em cada um dos tipos.

## SITUAÇÕES

Devemos olhar cuidadosamente para o conhecido diálogo fruto do encontro entre o profeta e o Santo, porém, antes, uma breve contextualização. Zarathustra deixou “sua pátria e o lago de sua pátria” e se refugiou nas montanhas, nas alturas. Permaneceu por dez anos na companhia dos seus animais, a águia e a serpente. Mesmo sem se cansar dos altos montes, algo mudou seu “coração”. Zarathustra acordou um dia, olhou para o Sol e lançou uma pergunta:

Ó grande astro! Que seria de tua felicidade, se não tivesses aqueles que iluminas?

Há dez anos vens até minha caverna: já te terias saciado de tua luz e dessa jornada, sem mim, minha águia e minha serpente.

Mas nós te esperamos a cada manhã, tomamos o teu supérfluo e por ele te abençoamos.

Olha! estou farto de minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessito de mãos que se estendam.

Quero doar e distribuir, até que os sábios entre os homens voltem a se alegrar de sua tolice e os pobres, de sua riqueza. (Nietzsche, 1891/2011, p.11)

É imbuído deste espírito dádivo que Zarathustra inicia seu ocaso. Após sair de sua caverna, ao descer de sua montanha, seu primeiro encontro é com um homem santo. Este,

depois de algum esforço, reconhece-o, lembra do profeta, e percebe mudanças: “Não me é estranho esse andarilho: por aqui passou há muitos anos. Chamava-se Zaratustra; mas está mudado”. A ocasião revela a existência de uma memória que ativa a ligação entre o Santo e o profeta. O personagem principal do livro é identificado a alguém que, num momento anterior, recolheu-se do convívio com os homens, levando suas “cinzas aos montes”. O velho lança Zaratustra ao passado, estabelece uma quebra na continuidade da narrativa e entrega ao leitor uma antiga imagem: “Vivias na solidão como num mar, e o mar te carregava” (Nietzsche, 1891/2011, p.12). Assim diz o Santo ao profeta. Sua memória traz à consciência uma impressão que cronologicamente determinou a identidade de Zaratustra. Extraímos, então, duas representações trazidas pela memória do Santo, e elas identificam o personagem: (i) Zaratustra é o profeta que foi ter com os homens, consumiu-se entre eles e voltou arrastando suas “cinzas aos montes”; (ii) Zaratustra é o andarilho solitário que, sem destino e propósito, percorreu um caminho alheio a si, disperso, como em um mar sem rumo.

Passemos a um outro momento, especificamente quando Zaratustra nos coloca diante do seu pensamento abissal. Estrategicamente posicionado no início do terceiro livro, o discurso “Da visão e enigma” denota o enfrentamento do mais penoso obstáculo, o “último cume” que Zaratustra pretende alcançar. É quando o personagem declaradamente toma nas mãos a tarefa de encontrar a si mesmo, efetivando o movimento de tornar-se o que se é. A afirmação de seu empreendimento se inicia com a enunciação da própria autoimagem, Zaratustra diz:

Eu sou um andarilho e um escalador de montanhas, disse para seu coração, eu não gosto das planícies e, ao que parece, não posso ficar muito tempo parado.

E, seja lá o que ainda me aconteça, como destino e como vivência, — sempre haverá uma caminhada e uma escalada de montanha: afinal, vivencia-se apenas a si mesmo.

[...]

E ainda uma coisa eu sei: agora me acho diante de meu último cume, e daquele que mais longamente me foi poupado. Ah, devo encetar meu caminho mais duro! Ah, comecei minha mais solitária caminhada!

Mas quem é do meu feitio não foge a esta hora: aquela que lhe diz: “Agora segues o teu caminho de grandeza! Cume e abismo — juntaram-se agora num só! [...]”

[...]

Sim, olhar do alto para mim mesmo e até para minhas estrelas: apenas isso eu chamaria de meu *cume*, isso me restaria como meu *último* cume! (Nietzsche, 1891/2011, pp. 145-146).

De acordo com este trecho, Zaratustra tem ciência de que a elaboração daquilo que ele é está alinhada à sua autoima-

gem. Por sua vez, a produção da imagem se atrela às ações do profeta. Quando estas são observadas, podem suscitar a reflexão deliberada sobre a constituição do si mesmo perante um propósito ou uma direção. O profeta alerta que tal direção só é de fato contemplada quando se pode olhar também sobre o próprio céu, isto é, mirar do alto as próprias “estrelas”. Logo, a construção da autoimagem vincula-se à compreensão da organização valorativa do si mesmo. Dito de outro modo, podemos expressar que, para saber o que alguém é, deve-se saber quais são as constelações presentes no seu céu: quais são os seus valores.

As estrelas que norteiam Zaratustra brilham garantindo-lhe um rumo, mesmo quando não há Sol e quando se navega em mar aberto. Mas, tenebroso é o caminho do profeta: há uma destas constelações que particularmente o assusta. Ela informa algo sobre seu destino, seu mais profundo abismo, aquele que, de tão esmagador, não pôde ser encarado. Sua imagem é concebida primeiro como uma visão, cuja lembrança é anunciada por Zaratustra aos tripulantes do navio onde estava. Assim relata o Andarilho:

Apenas a vós relato o enigma que vi — a visão do mais solitário. —

Recentemente caminhava eu, sombrio, por um crepúsculo pálido como um cadáver — sombrio e rijo, com lábios cerrados. Não apenas *um* Sol havia declinado para mim.

Uma trilha que subia teimosamente entre os seixos, mal-dosa, solitária, não mais animada por ervas e arbustos: uma trilha de montanha rangendo sob a teimosia de meus pés. Mudos, andando sobre o zombeteiro chiar do cascalho, pisando os pedregulhos que os faziam deslizar: assim meus pés forçavam o caminho para o alto.

Para o alto: — não obstante o espírito que os puxava para baixo, para o abismo, o espírito de gravidade, meu demônio e arqui-inimigo.

Para o alto: — embora ele estivesse em minhas costas, meio anão, meio toupeira; aleijado; aleijador; pingando chumbo em meu ouvido, pensamentos-gotas de chumbo em meu cérebro.

“Ó Zaratustra”, cochichou zombeteiramente, sílaba por sílaba, “ó pedra da sabedoria! Tu te arremessaste para cima, mas toda pedra arremessada tem de — cair!

Ó Zaratustra, pedra da sabedoria, pedra da funda, destruidor de estrelas! Arremessaste a ti mesmo tão alto — mas toda pedra arremessada — tem de cair!

Condenado a ti mesmo e a teu próprio apedrejamento: ó Zaratustra, arremessaste longe a pedra — mas sobre *ti* ela cairá!” (Nietzsche, 1891/2011, pp. 148-149).

A visão não termina com as palavras do anão. O relato continua, Zaratustra apresenta a seus ouvintes o conteúdo de um diálogo consigo, motivado pelas provocações do anão. O

profeta, desconfortável com o que ouviu, é empurrado por sua coragem a agir. Ele sente que não é hora de se calar, como relata: “essa coragem me mandou parar e falar: ‘Anão! Ou tu, ou eu!’” (Nietzsche, 1891/2011, p. 149). Então, continua a contar suas memórias, passa à exposição do embate com o anão: “‘Alto lá, anão!’ falei. ‘Eu, ou tu! Mas eu sou o mais forte de nós dois —: tu não conheces meu pensamento abismal! Esse — não poderias suportar!’” (Nietzsche, 1891/2011, p. 150). O pensamento abismal que faz o anão sumir é o eterno retorno do mesmo, doutrina que liga o mais íntimo pensamento de Zarathustra a sua tarefa entre os homens. A referência a este pensamento aparece atrelada ao portal que está à frente dos dois. Como lemos:

“Olha esse portal, anão!”, falei também; “ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém ainda os trilhou até o fim.

Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá — isto é outra eternidade.

Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: — é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: “Instante”. (Nietzsche, 1891/2011, p. 150).

Tanto o que já foi quanto o que será se efetivam no instante de modo incontornável e indissociável. Assim, o passado, aquilo vivido por alguém, é tornado presente a todo momento diante de cada experiência. De modo semelhante, o futuro, aquilo que alguém viverá, emerge como possibilidade exigindo o presente como sua condição. O portal coloca em foco a temática do tempo, o instante transfigura-se em um ponto de inflexão, no qual as coisas vão para trás e para frente, porém retornam sempre ao mesmo lugar.

## DUAS MEMÓRIAS: DUAS FIGURAÇÕES DO TEMPO

São desses registros que trataremos a seguir: o primeiro do Santo e o segundo de Zarathustra. Dois modelos de memória que se distinguem no modo particular como cada um se relaciona com o tempo. Na memória do Santo, o estatuto temporal é cronológico. Ela é linear, corre em um fio que guarda a sucessão ininterrupta de eventos. A lembrança remete ao passado e traz uma ordem específica já cristalizada. Isso ocorre porque a ligação entre espaço e tempo é irretocável, ou seja, cada evento é assegurado por sua determinação única no espaço e no tempo. E, assim, cada organização valorativa está presa a uma determinação previamente estabelecida. Como cronologicamente é impossível reviver o tempo passado, o rememorar torna-se o índice de determinação da identidade do presente. Há uma característica marcante na ordem de construção das significações: a experiência atual está presa a um produto semântico prévio, estabelecido psicologicamente e sem possibilidade de alteração.

Apesar de enxergar alguma mudança, o Santo vê Zarathus-

tra como aquela mesma figura que há algum tempo trouxe o fogo aos homens. Ele cristalizou a imagem do profeta anulando toda e qualquer pretensão de movimento. Se o tempo determina alguma mudança na ordem de quem se é, no caso, para o Santo, “quem se é” é sempre o mesmo. Não há lugar para o novo porque foi retirada de si a possibilidade de revalorizar a experiência. Desta feita, não se pode recuperar o que já passou, a mudança é negada. Tal negação transforma-se, ela mesma, em vingança contra o tempo. Assim, aos olhos do Santo, Zarathustra será sempre o mesmo. Não há na vida do Santo espaço para que o profeta mude. Todo o passar do tempo é negado. Para não ser questionado, o Santo se atém a um momento específico no qual ele se isola, mantém seus hábitos. Em suma, tenta permanecer igual e não quer ouvir aqueles que lhe podem colocar questões. Enquanto identidade, Zarathustra é, para o Santo, um doutrinador convicto, que ensina a concepção básica de uma moral dual, aquela assentada sobre a dois polos, o do bem e o do mal.

A memória do Santo afirma dois universos que não se comunicam: um é o da verdade e o outro, o do seu oposto. O mundo idealizado e preso a um tempo passado fixa-se à identidade da situação vivida. Enquanto impressão psicológica de uma situação vivida, as lembranças se tornam o critério de verdade para o presente. Ora, o mais grave neste movimento é o que sustenta a perda do dinamismo: as linhas interpretativas se prendem a conteúdos da lembrança produzidos através de significações psicológicas de ordenações valorativas permanentes. A situação vivida não pode ser revalorizada, a memória sempre remeterá a impressões idênticas que retornam apenas para atormentar o presente. Portanto, a memória do Santo serve a um esquema de funcionamento que, cada vez mais, subordina o presente a experiências passadas.

Tal impressão é assegurada através da conservação da noção de identidade — índice mantido do início ao fim na fala do Santo. É impossível para o velho eremita da floresta contemplar o alcance da metamorfose de Zarathustra. Mesmo com as mudanças, o Santo insiste que algo permaneceu: Zarathustra é, para o velho, aquele que trouxe o cerne da Boa Nova, uma moral dicotômica pautada por identidades fixadas sob os parâmetros de bem e mal. Na situação retratada acima, o que causa estranhamento é ver mais uma vez Zarathustra indo até os homens. Por que voltar a pregar, se o profeta já entoou suas verdades outrora? No esquema de constelações do Santo, é impossível acreditar que as verdades de outrora tornaram-se outras.

O Santo ergue seus valores de acordo com ordens identitárias da metafísica<sup>1</sup>. Tal direcionamento aponta um tipo de funcionamento e, por conseguinte, de uso da memória. Ela se prende e, ao mesmo tempo, afirma um constructo que não se altera. O grande problema a ser questionado está na estrutura que sustenta os conteúdos rememorados. Esta não se volta à efetividade, mas sim a uma espécie de mundo fixo que guar-

da pressupostos identitários inabaláveis. No íntimo, a memória sob tal formato faz o homem dar as costas para a vida, pois se opõe ao alcance interpretativo obtido a partir de novas vivências. Esta dinâmica é a base de uma patologia do psiquismo que, no século XIX, foi definida por muitos teóricos como neurose. Em outras palavras, no Santo, a memória se agrega a um conteúdo representado e retorna, independente da situação vivida, sempre atrelada aos mesmos afetos e significados. Desta forma, fecha as portas a novos modos de possíveis de representar, ou seja, não há espaço para novos modos de valorar. Nietzsche, ao trazer a memória para discussão, acusa o Santo de um tipo de adoecimento. Em termos usados em Para além de bem e mal, o Santo é “fisiopsicologicamente” (Nietzsche, 1886/1998, p. 29) doente.

Mas o Santo não sabe, ou melhor, prefere não saber do grande problema que paira sobre ele e sobre os homens: Deus morreu. O eremita prefere isolar-se na floresta a ter que encarar esta nova. Ele não pretende repensar valores e dar voz a uma nova vontade de verdade. O relato do encontro entre Zaratustra e o Santo se encerra justamente com o estranhamento do profeta. Como lemos: “Mas quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho Santo, na sua floresta, ainda não soube que Deus está morto!’” (Nietzsche, 1891/2011, p. 13).

A memória de Zaratustra difere da do Santo. Nas situações em que foi apresentada, desfaz a primazia cronológica como pressuposto de organização imposto aos processos de produção de significado. A memória torna-se atualização do que já foi, com base na experiência presente. Desta feita, Nietzsche opera uma quebra na ordem cronológica do tempo. Quando uma composição de eventos do passado é recuperada, também a sua construção temporal é trazida ao presente. Então, por mais que haja na condição da temporalidade uma sequência obrigatória na disposição de eventos, esta pode ser refeita quando Zaratustra a subordina ao modo atual de significação.

O resultado não é a negação do tempo, mas sua afirmação através de uma dobra sobre si. A imagem do portal, apresentado por Zaratustra ao anão, indica que a memória surge para permitir a atualização e ressignificação de esquemas valorativos vividos no passado. Tal atividade traduz-se em abertura para viver o novo, experienciar outros contextos e outras formas de valorar. Opera-se aqui uma transposição de um processo psicológico para a atividade interpretativa. Ao associar experiências passadas a novos eventos sem limitá-los, percebe-se que a memória permite o trabalho com situações antigas sem transformá-las em fórmulas para enquadramento ou redução das situações atuais. No caso, o passado sob qualquer situação pode se transfigurar em afirmação da existência no presente. Não há motivo para querer acabar com o tempo, pelo contrário, é o movimento que permite a abertura para experienciar novos acontecimentos. Não há por que se vingar do tempo, pois ele é a condição estrutu-

ral necessária à passagem ao diferente.

Como se sabe, as várias metáforas existentes em Assim falou Zaratustra remetem: (i) à articulação conceitual do pensamento de Nietzsche, (ii) ao diálogo com interlocutores e (iii) a situações vividas pelo filósofo. No caso citado, Zaratustra foi visto, conforme as palavras do Santo, como alguém que carregou as próprias cinzas ao monte. Tempos depois, desceu mais uma vez para ter com os homens. Evidentemente, não se pode fugir à imagem da Fênix<sup>2</sup>, o pássaro mitológico que renasce das próprias cinzas. A questão existencial posta aqui não se resume a um rearranjar-se e voltar a ser. Há uma total ressignificação produzida em um isolamento. Lembremos que, do alto da sua montanha, Zaratustra está só em uma caverna. O contato do profeta com o mundo é através de seus animais, a cobra e a águia, respectivamente, seu orgulho e sua astúcia. Sozinho, ele enfrenta sua metamorfose. Se antigos valores são queimados, das cinzas nascem novos, assim como novas cadeias hierárquicas. Após a transformação, o personagem principal do livro entende que deve descer. A grande dívida de Zaratustra, a voz de sua vontade de poder.

## A MEMÓRIA E A SUPERAÇÃO DO ESPÍRITO DE GRAVIDADE

Mais uma vez, ante o registro das memórias de Zaratustra, é a lembrança de uma situação terrivelmente penosa e ameaçadora que mais angustia o profeta. Seu duelo com o anão é emblemático. A pequena criatura está nas costas de Zaratustra, é o “espírito de gravidade”, e puxa para baixo mesmo aquele que é um dos mais sábios dos homens.

Na estrutura da obra, a seção do confronto situa-se no início da terceira parte. Atentar para a localização dos temas em Nietzsche é também muito importante, pois denota o alcance de suas proposições conceituais. Lembremos que a terceira parte encerraria o livro, caso Nietzsche não propusesse um outro desfecho que só foi anexado anos depois. Lembremos da situação até então: (i) Zaratustra desceu de sua montanha com propósito de oferecer seu supérfluo. Aquilo que lhe transbordava era a voz da sua vontade de poder. Enquanto moralista, para dar vazão a toda sua força, Zaratustra queria entregar algo aos homens. (ii) Passou pelo Santo, um eremita que se refugiou na floresta porque não tinha capacidade fisiopsicológica para enfrentar o colapso da última certeza (a morte de Deus). (iii) O profeta chegou a uma cidade, onde encontrou na praça uma multidão reunida. (iv) Diante de todos, Zaratustra apresentou o além-do-homem, porém o povo não lhe deu ouvidos. (v) Continuando seu percurso, encontrou discípulos entre os homens. (vi) Pouco depois, desencantado com sua própria tarefa, dispensou seus novos discípulos.

A segunda parte do livro termina com Zaratustra mandando seus seguidores embora. No último discurso desta parte, o profeta assume suas dúvidas, algo o incomoda severamente. É o mesmo discurso em que ele ouve uma estranha garga-

lhada. “Quem ri?”, pergunta-se o leitor. Ainda não se sabe. A gargalhada acentua a excentricidade do momento: em meio à angústia existencial do profeta, algo parece se divertir. A tensão é intensificada quando Zarathustra cai. No chão, trêmulo e suado, ele percebe que ainda sofre com algum problema, algo tão pesado que abala suas certezas. Zarathustra ainda é um doente!

O início da terceira parte do livro manifesta o desejo íntimo de Zarathustra de alcançar seu “último cume”: sua vitória e grande saúde. Quando conta aos marinheiros a sua visão, ficamos sabendo que quem dá risadas do destino de Zarathustra é o anão: o peso sobre as costas do profeta, aquele que representa o espírito de gravidade. Em sua subida, a cada passo dado em direção ao cume, o anão envenena o ouvido do Andarilho com “chumbo quente”. Contudo, mesmo com toda dificuldade, o corpo de Zarathustra o força a subir. Quando o profeta diz: “pisando os pedregulhos que os faziam deslizar: assim meus pés forçavam o caminho para o alto” (Nietzsche, 1891/2011, p. 149), há um destaque manifesto ao corpo. A intensão é mostrar que uma condição fisiológica habilita o profeta à saúde, empurrando-o para as alturas.

No decorrer da leitura do discurso Da visão e enigma, constatamos que o anão é uma parte do próprio Zarathustra — o seu viés pessimista. A gargalhada do anão e seus sussurros lembram ao profeta que na vida o esforço, por mais significativo que possa parecer, é em vão. Há um fim irremediável: a vida termina. Esta determinação de extremo pessimismo ataca a produção de sentido sobre a existência no âmbito da utilidade. Faz o sábio questionar-se: por que insistir em prosseguir? Não seria melhor se acomodar? O que foi feito, para que foi feito? Para que encontrar novas significações ou ordens valorativas se tudo terá um fim? De que vale o esforço? Como lemos nas palavras do anão: “‘Ó Zarathustra’, cochichou zombeteiramente, sílaba por sílaba, ‘ó pedra da sabedoria! Tu te arremessaste para cima, mas toda pedra arremessada tem de — cair!’” (Nietzsche, 1891/2011, p.149).

O anão ri porque conhece as fraquezas do Andarilho. Quando foi desafiado, de pronto, saltou das costas de Zarathustra e foi sentar-se em uma pedra. Parou para ouvir o profeta, pois estava certo de que seria impossível haver algo que lhe escapasse ao conhecimento. Atentamente ouviu quando Zarathustra lhe disse: “‘Alto lá, anão!’ falei. ‘Eu, ou tu! Mas eu sou o mais forte de nós dois —: tu não conheces meu pensamento abismal! Esse — não poderias suportar!’” (Nietzsche, 1891/2011, p.150). Se há algo a mais, o anão deveria saber, pois o profeta não pode arrancá-lo de si.

Para o anão, se Zarathustra vai contar seu pensamento abissal, mais uma vez, vai ter que se confrontar com seu pessimismo. A certeza do anão parece firmar-se sobre a condição necessária da finitude. Nenhuma questão é mais profunda. Mais, ainda, o anão parece crer que qualquer solução à pergunta pelo sentido da vida se esgota perante a problemática da finitude. Nestes termos, não há saída para o

pessimismo. Certo de sua vitória, o anão zomba do profeta, a todo o momento. É uma lembrança que oprime Zarathustra: “toda pedra arremessada tem de — cair!” (Nietzsche, 1891/2011, p. 149).

A figura do anão denota uma cisão, parte do psiquismo de Zarathustra se volta contra ele mesmo. Retorna sempre para fazer o profeta lembrar-se de que não há saída; o melhor é apequenar-se. O embate também é uma memória de Zarathustra. Curiosamente, esta lembrança finda com o sumiço do anão, ou seja, a memória deixa de ser um imperativo de significação quando sua função é aliviada. Assim, no embate com o anão, a memória de Zarathustra deixa de ser associada ao espírito de gravidade para se tornar um elemento que o arremessa para cima. Então, se em um primeiro momento a lembrança está a serviço da repetição, quer dizer, da representação da mesma ordem valorativa, depois ela é reestruturada e associada a novas determinações valorativas. O anão desconhece tanto a possibilidade de romper com ordens de valores cristalizadas quanto a possibilidade de estabelecer novas conjurações.

Percebendo a confusão, o Andarilho seduz o anão com a oferta da sua solução, a visão do eterno retorno do mesmo:

“Olha esse portal, anão!”, falei também; “ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém ainda os trilhou até o fim.

Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá — isto é outra eternidade.

Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: — é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: ‘Instante’. [...]” (Nietzsche, 1891/2011, p. 150).

Zarathustra efetua, assim, uma astuta manobra para superar o problema existencial mais íntimo ao pessimismo — a busca por sentido. A solução depende única e exclusivamente do seu modo de ressignificar as próprias vivências. Este movimento não foi feito pelo Santo. O eremita acovarda-se, vai para a floresta e lá se esconde dos homens. Diferente daquela do Santo, a memória de Zarathustra traz para o presente o acontecido, mas no presente é revalorada, abrindo novas perspectivas de futuro.

Nestes termos, há uma alteração considerável: a memória não pode mais ser tomada como um processo mental responsável por armazenar e manter presa à mente a sucessão de eventos determinantes na afirmação de uma identidade. Psiquicamente, a memória se torna um processo mental que pode catapultar o homem para uma nova situação. Mesmo se apresentando como uma capacidade para trazer à consciência aquilo que permanece, sua determinação principal em Zarathustra é ser um curso. Usa-se a memória para se chegar a uma outra situação. Ela se torna um veículo para transpor ordens valorativas. Então, em Zarathustra, a memória, tal como seu corpo, joga o profeta para cima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o embate entre Zaratustra e o anão, Jörg Salaquarda escreve:

A que apela Zaratustra na luta com seu arquiadversário, o “espírito de gravidade”? Depois que o orgulho e a astúcia o abandonaram, ele só pode apoiar-se em sua coragem. É ela que o arranca do sonho, cansaço e opressão. Zaratustra é um guerreiro. Não se conforma, mas busca a decisão. A coragem faz parte, junto à perspicácia, à simpatia e à solidão, das quatro virtudes básicas de um filósofo (Cf. Nietzsche, 1886/1998, p. 191). Conhecer pressupõe coragem, ensina o psicólogo (das profundezas) Nietzsche, pois sempre “sabemos” muito mais do que nos atrevemos saber (Salaquarda, 1997, pp. 26-27).

A sabedoria de Zaratustra é apresentar o eterno retorno através de uma simbologia, a do portal. O portal que se chama “instante” traduz a quebra na ordem linear do tempo. A cada instante o tempo pode ir para trás e para frente. O instante guarda a memória para atualizá-la a partir das vivências presentes e as lança direto em conexão com o futuro rumo a um tornar-se. Cada instante, ou seja, cada abertura do portal, marca o retorno a si, às próprias questões. O tornar-se o que se é liga-se, assim, à possibilidade de reelaborar as vivências e partir para o futuro — é a reafirmação de si.

Zaratustra é outro quando decide descer e dialogar com os homens. Contudo, cada vivência é constitutiva do vir-a-ser e por isso o profeta não precisa abandonar o seu passado. Se tudo retorna, o anão retornará, a condição prévia de Zaratustra retornará, o anúncio de bem e mal retornará. Em Zaratustra, a memória é o degrau para a superação e a constante tarefa de tornar-se o que se é. Zaratustra não dá as costas para a vida, ele a confronta em sua dureza e dificuldade, afirmando seu “pathos trágico”.

Defendemos que a diferença das duas memórias aponta para o modo como Zaratustra coloca a filosofia em outro patamar. Quando no início do texto recorremos a Giorgio Colli para indicar como Assim falou Zaratustra é um livro que está conceitualmente alinhado a outras obras, parece-nos que a tarefa do profeta pode ser entendida tal qual a dos filósofos do futuro. Como nos indica Thomas Brobjer (2003),

a demanda de Nietzsche aos filósofos do futuro não é que eles possam destruir valores, mas que eles possam criar novos valores. O projeto de Nietzsche não é aquele de um

niilista, não é a rejeição de todos os valores, mas sim a revalorização de todos os valores” (p. 66).

Nestes termos, a diferenciação da memória de Zaratustra está necessariamente ligada à efetivação de uma moral afirmativa. Uma moral em que o além-do-homem se torna o agente principal do projeto de transvaloração dos valores. Por conseguinte, enquanto tipo psicológico, este pode ser tratado como um personagem mitológico: é para ele que os feitos de Zaratustra apontam.

## REFERÊNCIAS

- Brobjer, T. (2003). Nietzsche's affirmative morality: An ethics of virtue. *Journal of Nietzsche studies*, 26, 64-78. <https://www.jstor.org/stable/pdf/20717820.pdf?seq=1/analyze>.
- Colli, G. (2016). Nota introduttiva. In F. Nietzsche. *Così parlò Zarathustra: un libro per tutti e per nessuno*. (pp. xi-xvii). Adelphi Edizioni.
- Colli, G., & Montinari, M. (1999). *Friedrich Nietzsche Kommentar zu den Bänden 1-13*. Walter de Gruyter.
- Hollinrake, R. (1986). *Nietzsche, Wagner e a filosofia do Pessimismo*. (Cabral, Á. Trad.). Jorge Zahar Ed.
- Nietzsche, F. (1995). *Ecce Homo: como alguém se torna o que é* (Souza, P. C. Trad.). Cia das Letras. (Obra original publicada em 1890).
- Nietzsche, F. (1998). *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro* (Souza, P. C. Trad.). Cia das Letras. (Obra original publicada em 1886).
- Nietzsche, F. (1999). *Kritischen Studienausgabe (KSA)*. Hrsg. Colli, G. & Mazzino, M. Walter de Gruyter.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* (Souza, P. C. Trad.). Cia das Letras. (Obra original publicada em 1891).
- Salaquarda, J. (1997). A concepção básica de Zaratustra. *Cadernos Nietzsche*, 2, 17-39. <https://doi.org/10.34024/cadniet.1997.n2.7906>

Data de submissão: 11/02/2020

Primeira decisão editorial: 28/07/2021

Aceite: 22/06/2022

## NOTAS

1 Metafísica aqui remete ao platonismo e ao cristianismo, as duas matrizes de pensamento que, para Nietzsche, fundamentam no ocidente a ordem moral e a produção de conhecimento.

2 A metáfora da Fênix é, em *Ecce Homo*, associada a Assim falou Zaratustra pelo próprio Nietzsche. Quando fala da concepção do livro de 1883/85 (Assim falou Zaratustra), o filósofo liga o livro a renascimentos afetivos, intelectuais e musicais. Ele escreve que seria possível “ver o Zaratustra inteiro como música” (Nietzsche, 1890/1995, p. 82), e ressalta que junto com o amigo

Peter Gast, em 1881, ano de concepção de ideia de Zaratustra, “a Fênix música por nós passava em vôo, com plumagem mais leve e luminosa do que jamais exhibira” (Ibid.). A nova plumagem da Fênix reluzia o “pathos afirmativo par excellence” (Ibid., p. 83), aquele denominado por Nietzsche especificamente como “pathos trágico” (Ibid.). Portanto, a concepção básica de Zaratustra é produto do renascimento do “pathos trágico”.